

FACES COM HISTÓRIA: a Land Art como ferramenta pedagógica.

MARCOS ANTONY COSTA PINHEIRO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
ARTES PLÁSTICAS, HABILITAÇÃO EM
LICENCIATURA, DO DEPARTAMENTO DE ARTES
VISUAIS DO INSTITUTO DE ARTES DA
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

ORIENTADOR: PROF: DR. EMERSON DIONÍSIO.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
I. INTERVENÇÃO URBANA: A CIDADE COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO.....	7
1.1 Relatos da pesquisa.....	10
1.2 A construção da Intervenção	12
1.3 Cronograma de realização.....	17
II HISTÓRICO DA AÇÃO E PROCESSO.....	18
III – ASPECTOS PEDAGÓGICOS	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os membros do Coletivo Aia pelas direções pelos apontamentos, Cesar Becker, Camila Araújo, Thaís Calheiros, Ingrid Orlandi.

Agradeço as pessoas que mantive contato para tratar deste projeto junto a escola, especialmente a coordenação pedagógica na pessoa do Thiago e Paloma e também a professora que ministra a disciplina de Artes no turno matutino Márcia Meih.

Agradeço a coordenação de cultura da Administração do Paranoá pela atenção e disponibilidade em receber esta possibilidade de projeto.

Por fim agradeço ao meu orientador pelas iluminações, paciência e pelas colaborações.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Igreja São Geraldo restaurada.....	14
Figura 2 Parque Urbano do Paranoá	16
Figura 3 Gráfico 1	17
Figura 4 Gráfico 4	17
Fig. 5. Processo de Moldagem com alginato, Coletivo Aia.	19
Figura 6 Aplicação do molde pronto na árvore, Coletivo Aia, 2012.	20
Figura 7 Processo de fixação	20

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasce de experiências de docência vivida durante a disciplina de estágio supervisionado, na qual tive como local de realização desta prática, a escola Darcy Ribeiro localizada no Paranoá-DF. Pude constatar que a grande maioria dos alunos morava no Paranoá ou no Itapoã duas cidades onde suas histórias se cruzam, sendo que a cidade do Paranoá é mais antiga. Surge daí a intenção de trabalhar a história que permeia a construção desta região, abrangendo a intenção de relacioná-la diretamente com a territorialidade, perfazendo suas imbricações na formação afetiva do indivíduo. Essa proposta de arte educação nasce de uma vontade de externar e criar vínculos, que poderiam apontar outras relações com conteúdo aqui abordado, que envolve fatos que remontam a narrativa épica da transferência da Capital para o Planalto Central.

O fato que conecta esta narrativa são as memórias e histórias dos habitantes do vilarejo que se formou durante construção da Barragem do Lago Paranoá. O pequeno vilarejo virou cidade pela resistência, os trabalhadores recusaram-se a sair da proximidade da sua obra para regiões mais afastadas como exigiu o governo da época. Constituíram ali o seu lugar, cheio de história e resistência que para a maioria passa pelo esquecimento. O propósito deste trabalho é estimular nos alunos uma reflexão sobre a história do lugar onde habitam, e torná-los sujeitos da narrativa da criação desta região.

Ao partir da necessidade de abranger todos os alunos na experiência docente para a construção coletiva de um trabalho de arte, tendo por intuito perfazer uma experiência real de fazer uma obra de arte contemporânea, no qual os participantes tornam-se sujeitos na ação, refletindo e pontuando etapas no processo de criação, o trabalho se perpassará sobre um ponto de vista triplo: a)estético, b)histórico c)social. Trabalhando com isso conceitos da arte relacional juntamente com os elementos do currículo em movimento da educação básica do Distrito federal.

A história da cidade contamina e sofre contaminações da história pessoal de cada habitante, elegi aqui a região onde moro e onde realizei as minhas experiências de estágio supervisionado, a proposta aprendizagem consiste em uma intervenção urbana com materiais biodegradáveis nas árvores que se encontram na área aonde começou a antiga Vila do Paranoá.

I. ARTE PÚBLICA: A CIDADE COMO ESPAÇO DE DIÁLOGO

As práticas da arte pública propõem extrapolar pela experimentação estética a aproximação entre arte e vida, afirmando-se por uma postura crítica ao meio social, criando intervenções no tecido da cidade. Suas práticas remontam experimentações de movimentos artísticos do início do século XX, como o Surrealismo e o Dadaísmo. Essas experimentações irão se desdobrar-se e impulsionar os movimentos de contracultura da década de 60. Cito aqui como referência as propostas do movimento Land Art¹.

Este movimento teve seu ponto de partida no Movimento Minimalista. É precisamente em 1913 que Malevich lança a semente ao pintar o Quadrado negro sobre o fundo branco, desse modo, com uma operação, por assim dizer, oposta a Duchamp, que retira do contexto um objeto de uso corrente e declara-o “arte”, Malevich põe um quadrado negro sobre um fundo branco, dizendo-o “quadro”, contrapondo uma contra-realidade de ou, ao menos, uma realidade “alógica” à realidade fenomênica. Malevich, assim leva a pintura a seu ponto zero, propondo “a experiência da pura ausência de objetos” e “o mundo como não-objetividade”. Na década de 1950 surge o movimento minimalista apoiado neste conceito de que a arte deve existir por si mesma, livrando-se de todo e qualquer subjetivismo que possa vir a lhe impor sentindo.

O Minimalismo designava uma tendência na pintura e principalmente na escultura que pregava a simplicidade das formas e reagia contrariamente a todos os valores do expressionismo abstrato. Os Minimalistas criaram as diretrizes de uma arte que cultivava o objeto, o trabalho feito de matéria real em espaço real, imergindo assim no campo tridimensional. As relações criadas pelas obras minimalistas a composição perdia importância para relação com o espaço. Esta relação comunga com a Land Art, podendo ser considerada a veia desse movimento, uma evolução consequente da arte minimal e até uma reposta a estaticidade desses trabalhos.

Na Land Art a paisagem se torna meio da obra de arte. Recusando definitivamente o sistema museu galeria, essa expressão exige para suas obras um

¹ Land Art é uma corrente artística surgida no final da década de 1960, que se utilizava o meio ambiente, de espaços e recursos naturais para realizar suas obras. Este tipo de arte pode ser considerada o passo decisivo da arte em direção ao meio exterior, tomando como material a natureza e fazendo dos seus espaços, espaços da própria arte, do próprio trabalho.

espaço real que não figurará apenas como pano de fundo para o trabalho do artista mas fará parte dele . o espaço da obra e o espaço do mundo se comunicam na Land Art, interagindo-se e realizando-se um através do outro.

Por outro viés, ato de intervir na paisagem pode ser entendido como uma tática de guerrilha, noção esta elaborada por Michel de Certeau, a partir das ideias de Foucault e Bordieu. Certeau mapeia algumas práticas cotidianas, como ele mesmo define como as “maneiras de usar”, nessas práticas as formas de uso são regidas pela não passividade e a fuga da massificação dos comportamentos a que estariam inseridos os consumidores. Através desta tática temos exemplos de procedimentos populares que confrontam os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser pela subversão.

Este caráter subversivo reflete no conjunto de características de práticas que propiciam ao povo a possibilidade de burlar a eterna vigilância, e a estratégia de controle da estrutura vigente. A intervenção se vincula nesta leitura da tática e do desvio, por suas ações de desconstrução de espaço de poderes, criando de uma mídia alternativa assumindo um importante papel de gerar contra-informação à sociedade. O papel da intervenção é ser também um meio de produção de informação, e assim proporcionar experiências que tornem o cotidiano urbano um espaço de diálogo, de crítica e de transformação.

Estabelecendo que no cerne da intervenção, não há uma busca pela destruição total dos canais dominantes e sim um deslocamento espacial ou visual. Criando um campo relacional que dialoga diretamente com o espectador. Propondo muitas vezes ao espectador a olhar e tornar-se consciente do mundo que modifica ao seu redor. Estabelecendo um afeto por o meio de uma justaposição como afirma Pallamin:

Evita-se a noção de acomodação ou adequação da arte. Antes, inscrição aí se dá no rolar das transformações do urbano, alterando sua amplitude qualitativamente. Não se trata, pois, de se concentrar no aspecto “fotogênico” do lugar, mas de buscar uma inovação na sua dimensão artística. (...) algumas se presentificam em concordância com seu contexto, aflorando novas orientações, caracterizando o diferencialmente em sua materialização espacial. (PALLAMIN, 2000, p. 34)

A cidade passa a ser o meio de comunicação, no ato de intervir no espaço público, onde as relações são menos mediadas e controladas e onde se dá a real

possibilidade de contato com toda a diversidade de faces que as metrópoles possuem, atua-se diretamente no cotidiano das pessoas, tornando mais lúdico e estimulando a reflexão sobre este espaço e a sua natureza dinâmica e inconstante.

A rotina diária esmaga a percepção do espaço no qual estamos inseridos, as coisas permanecem sempre iguais, inabaladas, uma intervenção suscita uma visão que os acontecimentos não precisam ser iguais, e que uma quebra dessa realidade pela intervenção estimula a todos.

Ao se configurar no espaço extramuros, fora de uma instituição que garanta o seu aval, automaticamente ela instaura outra lógica que independem de grandes financiamentos. A maioria das produções são criadas pelos próprios artistas e oferecidas ao público sem nenhuma contingência. Aspecto verificado em relação ao desapego de vincular uma assinatura ao trabalho, funcionando como uma artimanha para fugir muita das vezes da lógica do mercado.

Muitos trabalhos de intervenção são caracterizados pelos seus próprios autores como ativismo político, desvinculando qualquer intenção de serem reconhecidos como artistas. Logicamente existem artistas que vinculam seu nome aos seus respectivos trabalhos, gerando uma marca da sua própria produção no espaço público como é o caso do Graffiti.

A intervenção redefine o espaço, configurando uma nova leitura sobre o mesmo, a apropriação desta linguagem para elaborar esse projeto de arte educação, vem de encontro com a proposta de redefinir o lugar pelo uso do espaço, utilizando da história impregnada no lugar que define o seu modo.

1.1 Relatos da pesquisa

A região administrativa do Paranoá é uma cidade satélite, que se originou de uma vila de trabalhadores que ali se instalaram para construção da Barragem do Lago Paranoá, obra que pela grandiosidade e importância é fundamental para criar um clima favorável nas épocas de estiagem em Brasília. Sua história de criação e fixação passou por muitas situações que hoje na memória dos filhos e netos desta cidade não se faz presente como algo concreto no seu cotidiano, o ambiente escolar será aqui espaço para aproximar histórias e vivências de luta para criação da cidade, a ênfase será na cultura formada no local. A intervenção urbana será o veículo que tecerá reflexões sobre registro e memória do lugar.

A intervenção é o ato ou gesto de intervir, no sentido de causar, interpor sua autoridade, segundo a definição contida no dicionário da língua portuguesa². No campo das artes visuais, é uma ação artística que tem como suporte o meio urbano, ela visa justapor no espaço público criando um diálogo, este por sua vez passará a ser entendido como uma situação artística, criando uma construção de sentidos como afirma Pallamin.

Há uma construção temporal de seu sentido, afirmando-se ou infirmoando-se. Assim, tais práticas artísticas podem contribuir para a compreensão de alterações que ocorrem no urbano, assim como podem também rever seus próprios papéis diante de tais transformações: quais espaços e representações modelam ou ajudam a modelar, quais balizas utilizam em suas atuações nesse processo de construção social. (PALLAMIN, 2000, p. 15)

Essas construções, segundo, a autora visa fornecer um novo olhar sobre a apreensão de relações e dos modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, e seus significados sociais, resignificando-os pela esfera cultural e política. A partir do momento que a sua fruição se dá com o espaço público sua ação se configura como crítica, seja do ponto de vista ideológico, político ou social. O canal criado aqui debaterá aspectos da vida contemporânea no meio urbano por meio de ações estéticas, estas podem variar de pequenas dimensões como ‘*Stickers*’, chegando a grandes ocupações e instalações artísticas como os trabalhos de Christo e Jeanne Claude, essas ações fogem da lógica de contemplação retiniana, conferindo ao seu modo uma ruptura com o *Establishment*.

² Dicionário Aurélio

Um pequeno verso registrado em um muro serve como escape para banalidade diária, ou mesmo cria outras banalidades. Suscitando um novo olhar sobre o espaço percebido diariamente, as intervenções apresentam múltiplas possibilidades de enfoque pelo seu caráter anárquico, tratando de temas como feminismo, problemas sociais, ambientais e outros. Nesse projeto proposto teremos como foco a representação, a utilização das linguagens tradicionais do universo da arte, a sustentabilidade pautada no uso de materiais naturais e não poluentes e o público como agente produtor da ação. Configurando um diálogo entres essas linguagens, criando parentescos, trocas e migrações, mutações e intercursos entre elas.

A síntese do trabalho está em permitir essa volatilidade entre as linguagens, pois, nesta ação pedagógica haverá a utilização de diversos recursos como vídeos, relatos orais e saberes condizentes a práticas artísticas, convergindo para intervir no tecido urbano. Apoiando esta ação na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa. A contextualização suscitará discussões sobre os saberes locais e a preservação de memórias coletivas que se apresenta como parte do cotidiano da cidade. A manutenção desse legado se faz como propósito de estimular sujeitos críticos e participativos.



Fig. 1 Protesto de moradores

1.2 A construção da Intervenção

A ação possibilitará reflexões sobre a memória da construção da cidade do Paranoá aos alunos do 3º ano do ensino médio do colégio Darcy Ribeiro, que serão chamados para a atividade. A este grupo de alunos é dado a perceber um novo olhar sobre o contexto onde eles estão inseridos como também vivenciar na prática, temas trabalhados em sala de aula sobre História da Arte, como representação, mimese, métodos escultóricos empregados na mesma. Corroborando de modo ampliar o conhecimento sobre práticas aplicadas a contextualização da arte com o cotidiano.

Levantaremos a história da configuração espacial da vila do Paranoá, buscaremos convergências com o conhecimento adquirido pelos alunos sobre a história do lugar, criando formas de interação entre esses saberes com a historiografia oficial do lugar. A partir destas confluências construiremos conjuntamente as obras, originadas da moldagem do rosto dos alunos. Nesta ação a posição política esta intrínseca, permitindo uma atividade critica e reflexiva das questões que tangem esta região administrativa.

Como o projeto se construirá em uma oficina, com dois momentos, um com aparte mais teórico e outro dedicado à execução prática. Decidi com o grupo de apoio, que será o coletivo de escultura da qual faço parte, o Coletivo Aia³. Estipular um número máximo de participantes, que neste caso seriam 60 alunos, este numero será composto entre as turmas de 3º ano da escola por haver apenas duas no turno matutino, algumas etapas serão realizadas na escola. Utilizaremos as salas ambientes para exibir os filmes e debater sobre o projeto, pois as salas dispõem de recursos de multimídias adequados, consideramos este número razoável pelos limites da estrutura de que dispomos.

Como forma de facilitar a execução do projeto foi acertado juntamente com a coordenação pedagógica e a Professora de Artes, que utilizaremos o espaço de cada aula das turmas de 3º ano, sendo que são aulas duplas realizadas uma vez por semana, teríamos então 1 encontro por semana. Na parte que precisássemos nos deslocar ao lugar de intervenção será sugerido o horário contrário ao das aulas, isso será um fator importante para participar da oficina, a disponibilidade do horário

³ Coletivo fundado em 2012 que tem como proposta a pesquisa e a produção de intervenções urbanas pelo meio da escultura, visando integração do ser humano a natureza. É composto por Cesar Becker, Camila Araujo, Thais Calheiros, Marcos Antony e Ingrid Orlandi.

depois das aulas. O transporte será visto junto à administração regional da cidade do Paranoá, todo o processo de tiragem dos moldes será feito na escola, o que poderia sanar as possíveis faltas dos alunos na visita de campo ao local para elaborar a fixação do molde, ficando a cargo dos presentes a deliberação da colagem do molde.

Para os alunos selecionados, no primeiro momento apresentaremos o vídeo ‘Memórias de cá e lá – Paranoá’⁴ onde as origens da construção da cidade serão trabalhadas. Relatos dos pioneiros estão registrados neste filme, bem como imagens da época, utilizaremos este conteúdo como objeto de reflexão, sobre a importância de preservar as histórias do lugar e como a apropriação das mesmas, nos torna agente dessa mesma história.

O vídeo relata a resistência dos moradores contra a remoção de suas casas, resistência esta que garantiu a fixação na região, mas não no mesmo local. Ocorreu posteriormente à transferência dos moradores do antigo local de onde eram a Vila, para outro lugar mais acima, sob a égide de realizar uma assepsia as margens do Lago Paranoá pelo poder da época, fato que inaugura a política do voto em troca de lotes.

Ele aborda também como o antigo espaço da Vila Paranoá foi destinado posteriormente para criação do parque urbano do Paranoá, criado por lei⁵. A área compreende 42 hectares de área verde, preserva algumas das vegetações formadas pela antiga Vila, suas Mangueiras, Abacateiros, Jaqueiras fomentam certa peregrinação pelos seus frutos. Atividades de lazer são realizada no parque, a pista de Cooper marca os resquícios do ordenamento das antigas ruas, recentemente houve a restauração da igreja São Geraldo, marco da antiga vila.

⁴ MEMÓRIAS de cá e de lá - Paranoá/DF. Brasília: Necoim/Ceam/Unb, 1998.

⁵ Criado pela Lei nº 1.438, de 21, de maio de 1997,



Figura 1 Igreja São Geraldo reconstruída em 2013

Em outro encontro passarei um documentário realizado pelos próprios alunos do colégio no ano de 2009, que foi orientado pela professora Francisca Monteiro, o vídeo ‘Paranoá, Muitas histórias, Uma cidade’⁶, que já apresenta um olhar de registrar os aspectos do lugar, com a participação das alunas do próprio colégio. Neste vídeo foram coletados os estudos do historiador Paulo Bertran⁷ sobre a formação do local, desde a sua formação geológica aos primeiros vestígios de presença humana na região. Há também relatos de moradores que participaram da construção da barragem e da luta pela fixação no local dos trabalhadores que edificaram da Barragem do Lago Paranoá. Esse vídeo foi uma indicação que veio por parte da coordenação pedagógica da escola. A professora que elaborou este filme deu aula nesta instituição e, além disso, fora moradora da antiga vila do Paranoá, experiências que ela própria relata no filme.

⁶ Paranoá, muitas histórias, uma cidade. Documentário, Francisca Monteiro, 2009.

⁷ **Paulo Bertran Wirth Chaibub** (Anápolis, 1948 – Goiânia, 2 de outubro de 2005) foi um economista e historiador de Goiás. Era formado em economia pela Universidade de Brasília e pós-graduado em história e planejamento pela Universidade de Estrasburgo, França. Atuou como professor em Brasília e Goiânia, em várias instituições de ensino superior do Centro Oeste: Universidade de Brasília, Centro Universitário de Brasília e Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás. Dedicou-se à história colonial da região central do Brasil, especialmente da localidade onde viria a se instalar Brasília. Fonte; http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Bertran acessado em 02/06/2014

Depois da mostra discutiremos algumas questões levantadas pelos filmes, como eles viam ou se já conheciam alguns pontos abordados e se sentiam participantes desta história. Aproximando essas falas e as reações, abordaremos algumas questões como: que fazemos parte da mesma natureza do espaço, onde se desenrola a cidade. Como afirma Milton Santos sobre a natureza do espaço,

A nosso ver, a questão é da própria natureza do espaço, formado, de um lado pelo resultado material acumulado das ações humana através do tempo, e, de outro lado. Animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade. (SANTOS, 2008, p.106).

Segundo esse raciocínio, o modo de organização e produção virá interferir diretamente na forma como o espaço está organizado, o que refletirá diretamente nas relações que se travam dentro deste espaço, definindo processos econômicos, culturais e políticos que atuam em sua transformação. A abordagem desta dinâmica constante formadora do espaço social virá contextualizar a presença da intervenção urbana, como resposta a esta dinâmica da cidade.

Mediante essas reflexões apresentarei a proposta do trabalho que consiste em uma intervenção nas árvores do Parque Urbano do Paranoá com resíduo extraído naturalmente das árvores, o Breu⁸. Este material aquecido dará forma aos moldes, pois depois de resfriado ele se cristaliza. Colaremos as 'máscaras' provenientes dos moldes com este material aquecido, usando-o como aglutinante para fixar nos troncos das árvores. Haverá uma apresentação de outros trabalhos realizados pelo Coletivo Aia, em outras localidades pela cidade para ilustrar o propósito. Estes trabalhos refletem a preocupação do grupo em produzir ações de caráter efêmero, sustentadas por materiais naturais que não causem danos ao meio ambiente. Após esses apontamentos, marcaremos uma visita de campo ao parque vivencial do Paranoá. Nesse momento mapearemos os lugares para nossas intervenções nas árvores daquele lugar, contando com a devida liberação para a realização da intervenção nas árvores do parque junto à administração da cidade.

No próximo encontro na escola começaremos a retirada dos moldes dos rostos dos alunos, utilizaremos o espaço das salas aulas para tal fim, pois será preciso organizar o espaço para que contenha mesas para acomodar os alunos para

⁸ Resina odorífera que exsuda do tronco de várias árvores da família das burseráceas; Alméciga, Elemi, Ícica. Conforme a espécie e os espécimes, pode ser branca, esverdeada, amarela, avermelhada, marrom ou preta; quando seca, é quebradiça; tem vários usos domésticos e industriais, como substância medicinal ou como componente na produção de incenso, tintas, vernizes e outros impermeabilizantes. fonte: Cpt.wiktionary.org/wiki/breu acessado 12/05/2014

retirada do molde bem como lugar para aquecer o breu para encher as formas provenientes da captura dos rostos como teve que restringir o numero de participantes nesta atividade será feita o registro fotográfico de todas as etapas de elaboração, e este material estará disponível em uma pagina criada em uma rede social. Isso facilitará a comunicação com os alunos dentro da escola, do que será feito fora dela, deixando espaço para possíveis sugestões e comentários, ou mesmo para ser curtido e compartilhado ampliando as reverberações da intervenção.

No final de execução da intervenção faremos uma exposição fotográfica nos murais da escola, criando um relato visual da experiência do projeto, possibilitando uma visibilidade aos alunos do ensino fundamental do turno vespertino, também aos pais e funcionários da instituição.



Figura 2 Parque Urbano do Paranoá

1.3 Cronograma de realização

Atividade	Encontros	Semanas
Exibição do filme	1º encontro	1ª semana: ocupando o horário das turmas A e B, totalizando 4 aulas.
Exibição do documentário	2º encontro	2ª semana: ocupando o horário das turmas A e B, totalizando 4 aulas.
Discussão sobre os Filmes	3º encontro	3ª semana: 2 aulas
Visita ao parque	4º encontro	Horário contrário às aulas
Elaboração dos moldes	5º encontro	4ª semana: 4 aulas
Elaboração dos moldes	6º encontro	
Elaboração dos moldes	7º encontro	
Fixação dos moldes	8º encontro	5ª semana: 4 aulas
Análise conjunto de todo processo	9º encontro	
Exibição fotográfica	10º encontro	6ª semana: 2 aulas

Figura 3 Gráfico 1

Recursos necessários

Material	Quantidade (kg)	Valor (und.)	Total
Breu	60kg	R\$ 4,00	R\$ 240,00
Gesso	80kg(1 saco)	R\$ 20,00	R\$ 40
Alginato	30 sacos (1 saco 400g)	R\$5,60	R\$ 168,00
Fogão elétrico	1	_____	-----
Panelas	10	-----	-----
Tocas	2 caixa	R\$ 30,00	R\$ 30,00
Algodão	6 caixas	R\$ 3,00	R\$ 18,00
Total			R\$ 496,00

Figura 4 Gráfico 4

II HISTÓRICO DA AÇÃO E PROCESSO

O Coletivo Aia é um grupo formado por estudantes de Artes Plásticas, Arquitetura e Urbanismo e Museologia da Universidade de Brasília, que vem desenvolvendo intervenções urbanas utilizando a linguagem escultórica. As esculturas produzidas, baseadas em técnicas tradicionais e mescladas a métodos experimentais, são inseridas no contexto da cidade e meio ambiente de forma a interagir com seus habitantes.

A ideia surgiu a partir da necessidade de uma visão crítica acerca do olhar dos habitantes dos centros urbanos contemporâneos. A busca pela percepção diferenciada da natureza que cerca o homem e como este interage com o espaço são questões que permeiam todas as obras.

O processo de construção utilizada aqui remontam umas das primeiras experimentações criadas pelo coletivo, este processo foi desenvolvido primeiramente pelo membro do Coletivo César Becker, artista plástico graduado pela Universidade de Brasília.

O processo consistia em experimentar materiais não convencionais na construção escultórica, levando estes trabalhos para a relação com o espaço público. Materiais como gesso, breu, e terra são matérias primas para criação de obras. A experimentação com o Breu consiste em obter uma forma a partir do aquecimento do mesmo, método parecido com a fundição em metal. Para tal é necessário a confecção de um molde (cama) para a captura em negativo do rosto a ser copiado.

Os moldes são produzidos com alginato, produto atóxico usado na odontologia para fazer moldagem de aparelhos odontológicos. O uso da técnica de moldagem é ainda outra maneira de inclusão do espectador no processo do trabalho do Coletivo, reforçando o objetivo de criar situações onde o ser humano possa se ver integrado ao meio em que ele vive.



Fig. 5. Processo de Moldagem com alginato, Coletivo Aia.

Por sua vez o trabalho de intervenção nas árvores, parte da integração e retorno da matéria ao sua origem. O exsudado selecionado para a concretização desse trabalho é o Breu, aparece aqui também como proposta a intencionalidade de deslocá-lo do seu uso comercial de forma a reintegrar a resina a seu local de origem. Como outras resinas totalmente naturais, ele não resulta em nenhum dano para as árvores, e assim como é fácil sua aplicação, também é sua retirada..

Com as máscaras de breu produzidas é feita a assemblagem nas árvores, empregando-se nessa etapa nada mais que a própria resina líquida e aquecida, de forma que o rosto fique então conformado nelas.



Figura 6 Aplicação do molde pronto na árvore, Coletivo Aia, 2012.



Figura 7 Processo de fixação

III – ASPECTOS PEDAGÓGICOS

O interesse por este tema se dá por estar ligado ao pertencimento de todos os alunos que são moradores da cidade ou moram na cidade vizinha Itapoã, que surgiu de uma expansão deflagrada pelo povo, mas que geograficamente se mistura a malha urbana do Paranoá. Este pertencimento possibilita expressividade das experiências deles como moradores, mesclando suas experiências pessoais com o espaço no qual estão inseridos. No âmbito da intervenção urbana levando em consideração as experiências que tive na mesma escola quando realizei a experiência de estágio, pude perceber como o Grafite e suas diversas manifestações, são plenamente conhecidos e admirados pelos alunos o que possibilitará um canal na abordagem da proposta de intervenção.

O Grafite é utilizado muitas vezes para desenvolver dentro da sala de aula aspectos contidos na História da Arte, principalmente quando se trata de revisitar as primeiras manifestações artísticas da humanidade, as pinturas parietais. Essa recontextualização permite um olhar diferente sobre o cotidiano. A forma como nos inserimos no tecido social se amplia à medida que vamos encarando este por um viés estético e crítico, extirpando as amarras, provocando, assim, uma nova forma de olhar o mundo.

O ensino da Arte Visuais nos atuais currículos tem como premissa permitir o desenvolvimento crítico e reflexivo do educando, pautando-se em aproximações entre o conteúdo trabalhado e a esfera de pertencimento do educando. Estabelecendo uma aproximação entre mundos e é neste sentido que, segundo Barbosa (1985) o ensino se configura. Estimulando o potencial crítico, cognitivo e criador do educando.

Seguindo essa afirmação, a ação educativa proposta foi centrada em possibilitar o desenvolvimento criativo e crítico dos estudantes, abordando a interação artística dos alunos como um todo, desde reflexivamente, afetivamente e suscitando a cooperação entre eles. Pensando na reflexão sobre a heterogeneidade de identidades que formam a sociedade. Esta intervenção estabelece uma troca de saberes, pois a construção dessa intervenção contará com a soma das impressões prestadas pelos alunos sobre a cidade. Essas serão misturadas as dos personagens

que participaram diretamente da história de construção da cidade, trabalhadores que sedimentaram raízes na cidade em questão.

Tendo isso como fio condutor da ação, construiremos coletivamente com os alunos moldes de rostos em breu para serem colados nas árvores que os primeiros habitantes plantaram no local da vila do Paranoá, local este que hoje se configura como um parque ecológico que mantém resquícios das habitações dos primeiros moradores. Esta interação entre os olhares e a imersão na história do lugar, irá proporcionar ao aluno um olhar mais crítico sobre o mundo que o rodeia. Esta possibilidade de um novo olhar visa possibilitar aos alunos um novo modo de dialogar com espaço que o rodeia, suscitando neles a percepção das relações entre arte e vida.

O estímulo levando à reflexão crítica é umas das consequências primordiais da prática docente, possibilitando uma leitura de mundo por parte do educando. Como bem está definida nos parâmetros curriculares nacionais sobre Arte.

:

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo no qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, pp. 20-21)

A proposta de trabalhar este tema tem por objetivo relacionar a realidade dos estudantes com a criação de objetos artísticos que serão inseridos no espaço aonde eles vivem. Ao propor esta construção coletiva, notou-se a importância de levar em conta o universo visual e a cultural próximo dos sujeitos investigados, buscando o significado das coisas a partir da vida que os cerca. Esse enfoque favorece no estudante uma autoconsciência de sua própria experiência em relação ao meio, ou seja, colocando-se como protagonista no processo da recepção e da produção de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado ao longo do texto, a intervenção tem como poder a criação de uma comunicação muito poderosa, essa peculiaridade desta expressão vem de encontro ao anseio de construir e discutir identidades e espaço de poder. Ao estabelecer que a execução final do projeto prevê o deslocamento dos alunos para fora do espaço escolar isso já constitui uma quebra de paradigma, ao considerar que aspectos pedagógicos podem ser colocados no confronto direto com a realidade.

Dando ampla margem para reflexões, sobretudo da forma como interagimos como o nosso meio e como podemos alterá-lo sem danificar o espaço que pertence a todos. Questões estas são inerentes à abordagem da arte contemporânea na sala da aula, pois mexe com conceitos pré-estabelecidos, gerando uma mudança de postura no educando. O modo de percepção da arte passa a ser alterado, transformando-se em interativo e próximo ao nosso dia a dia. Criando conexões com outros saberes e possibilitando uma maior capacidade de dizer sobre o universo pessoal do aluno e sobre o mundo. Este desenvolvimento é o que se pretende neste projeto de estudar a cidade e construir leituras a partir de um olhar artístico. Criando uma interação que possibilita alterar a realidade que foi analisada. Esta interação, está de acordo com parâmetros curriculares nacionais de arte (Brasil, 2000). A arte é um componente curricular com conteúdos próprios ligados a cultura, alicerçado em três campos conceituais: a produção (ou criação), fruição (ou percepção) e reflexão (ou análise), e não mais à mera habilidade, o fazer.

Devido à empreitada do projeto alguns fatores ainda estão em abertos, pois passam pela esfera dos órgãos responsáveis tanto pela escola que seria a regional de ensino da região e a administração local responsável pelo parque urbano do Paranoá. Tramites como apoio logístico e financeiro são grande importância e até o fechamento do texto não obtive respostas concretas. Mas obtive uma boa recepção de ambas as partes e interesse na proposta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. M. (1991). *A imagem no ensino das artes*. São Paulo: Perspectiva.
- BARBOSA, A. M. (1985). *Arte-Educação: conflitos/ acertos*. . São Paulo: Max Limonad Ltda.
- BAUDRILLARD, J. (1991). *Simulacros e simulações*. Lisboa: Relógio d'água.
- BENJAMIM, W. (1994). *Magia e técnica, Arte e política: Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.
- BOURRIAUD, N. (2009). *Éstetica relacional*. São Paulo: Martins Fontes.
- BRASIL. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Ministério da Educação*. Brasília: Secretaria de educação básica.
- FRANZ, T. S. (2003). *Educação para com apreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.
- GUINSBURG, J., & BARBOSA, A. M. (2005). *Pos-modernismo*. São Paulo: Perspectiva.
- HERNÁNDEZ, F. (2007). *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação.
- HERNÁNDEZ, F. (2000). *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. São Paulo: Artmed, 2000. São Paulo: Artmed.
- JACQUES, P. B. (2003). *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Pallamim, V. M. (2000). *Arte Urbana ; São Paulo : Região Central (1945 - 1998):*. São Paulo: Ana Blumme.
- READ, H. (2001). *Educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- SANTOS, M. (2008). *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp.